

Augustin Berque, geógrafo e orientalista, nasceu em Marrocos, em 1942. Foi diretor de estudos da prestigiosa instituição francesa École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e integrou a equipe pedagógica do curso de doutorado Jardins, Paisagens, Territórios, da École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris – La Villette. Autor de vários livros, é um dos nomes que mais contribuíram para a ressignificação do pensamento sobre a paisagem.

O fato de pensar sobre a paisagem não seria, no final das contas, prejudicial à própria paisagem? Em outras palavras, fazer da paisagem um objeto de pensamento não seria o contrário de um pensamento-paisagem? A paisagem, que nasceu no pensamento de uma elite letrada, não se destruiria a si própria ao se tornar um objeto de representação?

Assim como Bernard Rudofsky, em livro publicado em 1964, tratou da arquitetura sem arquitetos, Augustin Berque se permite, neste livro publicado originalmente em 2008, tratar da paisagem sem paisagistas. Mas essa homologia, nas palavras do autor, “não significa, tomando o sintoma pela causa, fazer dos paisagistas os bodes expiatórios dos desastres de nossas paisagens. Isso seria absurdo. A causa é bem mais geral. É resultado do conjunto dos nossos comportamentos. Os paisagistas estão ali como médicos diante de uma pandemia de um novo gênero: eles fazem o que podem e, pontualmente, fazem sempre muito bem; mas sozinhos nada podem contra a generalidade da causa”.

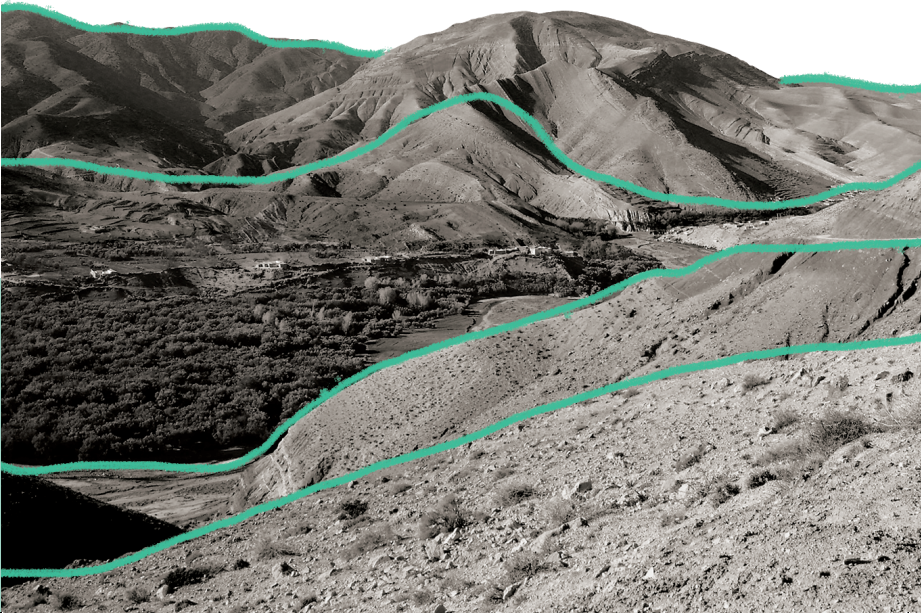


O Pensamento-paisagem

Augustin Berque

O Pensamento-paisagem

Augustin Berque



O pensamento-paisagem não é o pensamento sobre a paisagem, e este livro não é uma história do pensamento sobre a paisagem. Questiona-se aqui o porquê deste espantoso contraste: de um lado, inúmeras gerações que não constituíram um pensamento sobre a paisagem, mas que nos legaram paisagens admiráveis; de outro, a nossa geração, que, embora não cesse de falar e escrever sobre a paisagem, a destrói em grande escala, por todo o território, poupando apenas alguns ícones.

Temos um pensamento sobre a paisagem, mas não temos mais pensamento-paisagem, isto é, aquele pensamento concreto, vivo e ativo que se exprimia através de belas paisagens. Fetichizar esse objeto de consumo (turístico, imobiliário, acadêmico etc.) em que a paisagem se tornou não será suficiente para encontrar aquele modo de ser que se encarnava no pensamento-paisagem. Muito pelo contrário.

Se quisermos parar de “matar a paisagem”, como dizia um poeta chinês do século IX, precisamos primeiro saber o que era o pensamento-paisagem.